

# EDUCAÇÃO PARA (COM)VIVER NA CASA COMUM: A RESISTÊNCIA PELA VIDA COMO COMPROMISSO MAIOR

TOMELIN, NILTON BRUNO

## RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão acerca da necessidade de se promover uma educação que qualifique os seres humanos para a convivência na Casa Comum. Diante do cenário nacional e mundial atuais é eminente a necessidade de se promover uma forte resistência em defesa da vida partindo de algumas reflexões e alcançando o grande chamado de Paulo Freire a ler o mundo e seus fenômenos. Esta leitura permitirá perceber que a discussão ambiental implica no cuidado com a Casa Comum, seus habitantes e com o próprio homem, dissipando mazelas como violência e miséria, frutos de intensa desigualdade social e econômica e desrespeito à diversidade. Desta leitura, com a ajuda de reflexões propostas por Papa Francisco e Edgar Morin, pretende-se exaltar que a resistência ao modelo predador é o único caminho que poderá viabilizar o futuro com vida.

## PALAVRAS-CHAVE

Convivência. Futuro com vida. Modelo predador. Resistência.

## ABSTRACT

This article presents a reflection on the need to promote an education that qualifies human beings to living together in the Common House. In front of the actual national scenario and world scenario, there is an imminent need to promote a strong resistance in defense of life starting from some reflections and reaching Paulo Freire's big call to read the world and his phenomena. This reading will allow us to perceive that the environmental discussion implies care with the Common House, its inhabitants and with man himself, dispelling ills such as violence and misery, product of intense social and economic inequality and disrespect for diversity. From this Reading, with the help of reflections proposed by Pope Francis and Edgar Morin, it is intended to emphasize that resistance to the predatory model is the only way that can make the future alive.

## **KEYWORDS**

Coexistence. Future with life. Predator model. Resistance.

## INTRODUÇÃO

Os séculos de fragmentação científica e cognitiva provocam, contemporaneamente o surgimento de um desejo inspirado na necessidade de tornar a Casa Comum (Terra), habitável e possível à existência. Um desejo de formar crianças e adolescentes capazes de compreender que há um todo, embora inatingível, que orienta currículos e vidas.

Tomando por base para início de discussão a “Carta encíclica ‘*laudato si*’ sobre o cuidado da casa comum”, o grande objetivo desta discussão é o entendimento de que há uma Casa Comum. Uma casa na qual todos e todas devem e podem caber. O não caber produz-se um contingente de seres humanos vistos como inferiores ou de uma humanidade relativa.

Do entendimento de que há uma Casa Comum surge a responsabilidade de todos e todas nos revestimos do dever de cuidar dela como um dos fundamentos civilizatórios. O cuidado e o zelo se opõe à barbárie predatória instalada e sustentada por séculos.

Educar para conviver na Casa Comum é um ato ético, não apenas técnico ou profissional. É um compromisso pautado na responsabilidade coletiva em favor da viabilidade, e não apenas existência, do futuro. Viabilidade discutida pela reflexão do presente por Edgar Morin e Paulo Freire, mas que não se esgota neles.

### 1. CARTA ENCÍCLICA ‘*LAUDATO SI*’ SOBRE O CUIDADO DA CASA COMUM: UM PONTO DE RECONCILIAÇÃO HISTÓRICA PARA A CONTINUIDADE DE UMA CAMINHADA.

Um dos documentos mais relevantes e profundos na discussão ambiental do século XXI e certamente de outros séculos, a **Carta encíclica ‘*laudato si*’ sobre o cuidado da casa comum** é um excelente meio para, num momento de continuada de caminhada, a humanidade (não apenas a parte cristã/crente) acertar o passo. Por trás do documento não está apenas a figura de Francisco, feito papa para acertar o passo de uma igreja. Está um sujeito latino, testemunha viva de atos de execração da vida em detrimento da exortação do capital e do ter e que por isso tem algo a dizer para além dos muros vaticanos ou para os seguidores de uma religião.

A complexidade do texto e a amplitude de seu alcance inviabilizam uma análise completa tanto de sua complexidade quanto do seu alcance. Tão grande a complexidade que Francisco de Roma evoca do Cântico das Criaturas (de Francisco de Assis) a razão para sua intervenção nesta caminhada testemunhando: “Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras”<sup>1</sup>.

A grandiosidade do escrito papal transcende o pensamento de Papa Francisco, o que é confirmado por Leonardo Boff ao afirmar que “ele me solicitou material

---

1 Canticum delle creature: Fonti Francescane, 263. São Francisco de Assis.

para a 'Laudato si'. Eu o aconselhei e enviei algumas coisas que tinha escrito. Isso ele também utilizou. Certas pessoas me disseram que durante a leitura teriam pensado: 'Ora, isso é **Boff!**'<sup>2</sup>. Da mesma forma o fez em relação a outros intelectuais, segundo Boff.

Em seu documento Francisco (2015, p. 03), anuncia o maior dos equívocos cometidos pela humanidade em relação à Terra, ao afirmar que "crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores autorizados a saqueá-la". Os saques foram sustentados por ideias amplamente disseminadas por sistemas de ensino fragmentado que convenientemente apresentam a discussão ambiental como tema setorial a ser abordado por especialistas.

Ao contrário a questão ambiental, obedecendo à conveniências hegemônicas, foi e é apresentada como um verdadeiro empecilho, uma trave para o desenvolvimento e o progresso. A defesa da vida na terra é assim, um ato de profunda intervenção e resistência, como se viu recentemente em relação a destruição da Amazônia pelas queimadas

Assim a integração da discussão ambiental a das questões de ordem econômica, social, política e principalmente humanitária, por isso ética, significam um revés de natureza teórica e principalmente prática.

Este revés inspira para uma luta pelo cuidado por esta Casa Comum. A Terra bem cuidada, assim como o lar, irradia dignidade aos seus habitantes na medida em que todos possam se sentir acolhidos. Como são encantadoras as cidades que, já no seu projeto arquitetônico, estão cheias de espaços que unem, relacionam, favorece o reconhecimento do outro<sup>3</sup>.

Nesta perspectiva o documento apresenta a discussão ambiental na perspectiva da integralidade e por isso anuncia a disposição de propor uma prática de vivência humana pautada na chamada ecologia e num desenvolvimento integral. Assim Francisco (2015) lembra que uma ecologia integral transcende a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contato com a essência do ser humano. Exorta ainda que o urgente desafio de proteger a nossa casa comum esta também na busca de um desenvolvimento sustentável e integral. Destaca também que as diferentes espécies não devem ser protegidas pelo seu potencial econômico, mas por que possuem um valor em si mesmas, sendo que nenhuma criatura é supérflua.

Mas como imaginar o ser humano cuidando e zelando pelos seus parceiros (outros espécimes) de caminhada (vida) se nem ao menos é capaz de estender seu olhar fraterno sobre seus pares de espécie? Parece evidente que o óbvio é o essencial neste sentido. É preciso uma forte postura de resistência para romper

---

2 "O Papa Francisco é um dos nossos": entrevista de Leonardo Boff a Joachim Frank publicada por Kölner Stadt Anzeiger, 25-12-2016.

3 Papa Francisco. Exortação apostólica: *Evangelii gaudium*. 24 de novembro de 2013. Disponível em: <http://www.nsrafatima.org.br/Exorta%C3%A7%C3%A3o%20Apost%C3%B3lica%20Evangelii%20Gaudium.pdf>. Acesso: 18.Jan.2017.

barreiras políticas, econômicas, étnicas e ideológicas pondo fim a indiferença ao sofrimento alheio.

Um outro passo a ser dado em favor de uma caminhada segura e mais plena é compreender que os seres humanos não se relacionam apenas pela via da dimensão econômica. Carlos Mota (2011)<sup>4</sup>, ressalta que Edgar Morin aponta para um aprofundamento das dimensões biológica, social, psicológica, cultural e a transcendental da vida. Assim, a crise mundial não é unidimensional, mas absolutamente plural, não cabendo, portanto, uma análise por um único viés.

Assim o cuidado exaltado por Francisco é fundamental para que seja possível garantir também dignidade às gerações futuras, numa atitude solidária e amorosa da geração atual para com as vindouras. Afinal se hoje colhe-se os frutos da ausência de solidariedade pretérita é justo que com esta lição tomem-se atitudes para não repetir passos revelados trágicos. É neste sentido que se espera uma nova formação para crianças e adolescentes, para que hábitos verdadeiramente civilizatórios assumam o protagonismo esperado em tempos de resistência. Estes hábitos revelam a necessidade de se construir e viver uma verdadeira reconciliação histórica, pautada na renovação da condição humana, como essência do existir da própria humanidade.

## **2. O CONHECIMENTO NECESSÁRIO PARA VIVER INTEGRALMENTE NA CASA COMUM:**

O passar dos séculos elevou quantitativamente o acúmulo de conhecimentos, construídos a partir de experimentos e motivados por matizes diversas, como a curiosidade e a necessidade e princípios menos nobres como a luta pelo poder e pelo acúmulo de riquezas. Uma das formas de dar sustento a este processo consolidado em conveniências, é sua fragmentação, visto que ao trilharem caminhos diversos e não convergentes, as ciências produzem saberes aplicáveis em conformidade com interesses individuais ou setoriais da sociedade. Desta fragmentação emerge a técnica, como instrumento metódico de realizar tarefas de forma repetitiva sem necessariamente associa-la a prática reflexiva, visto que há apenas a visão de uma parte, jamais do todo.

A compreensão do todo infunde nos seres humanos o fundamento de sua existência: ser (verbo) plenamente humano. Por esta razão Francisco (2015, p. 09) já leciona que é preciso “encontrar soluções não só na técnica, mas também numa mudança do ser humano; caso contrário, estaríamos a enfrentar apenas os sintomas”. Portanto mais do que saber é preciso saber o que fazer com o que se sabe e as consequências das escolhas feitas.

Conhecendo as consequências das escolhas pretéritas e analisando-as com necessária honestidade intelectual é preciso dizer que é preciso estabelecer novas formas de viver e existir no presente, se o objetivo é construir o futuro do

---

4 Carlos Mota, 2011. Departamento de Educação e Psicologia, UTAD, Portugal. Disponível em: [www.carlosmota.info/docs/edgar\\_morin\\_a\\_sintese\\_possivel.ppt](http://www.carlosmota.info/docs/edgar_morin_a_sintese_possivel.ppt). Acesso: 18.Jan.2017

planeta minimamente possível. Assim, o conhecimento já disponível haverá de servir como fonte de resistência em relação à prática predatória que ameaça o futuro da vida na Terra. Resistir, neste caso é compreender que as consequências desastrosas dos últimos séculos de “civilização industrial” não aposta num bem ou numa casa comum.

Francisco (2015, p. 36) ressalta que “a verdadeira sabedoria, fruto da reflexão, do diálogo e do encontro generoso entre as pessoas, não se adquire com uma mera acumulação de dados, que, numa espécie de poluição mental, acabam por saturar e confundir”. Esta confusão é a aposta desta onda conservadora que assombra a humanidade.

Outro fator de sustentação desta lógica é a fragmentação dos saberes a pretexto de sua complexidade. Com isso tem-se pessoas que conhecem muito de muito pouco do ponto de vista da técnica e muito pouco de muito no que diz respeito às relações e contextos histórico, político, econômico e social que geram determinado fato. Assim, a vida torna-se atemporal e refém da técnica a qual é vista como exclusiva forma de interpretar e intervir na existência presente e futura, desprezando povos e culturas tradicionais, por exemplo.

Sobre isso Freire (1997, p. 113) ressalta que “nada justifica a minimização dos seres humano, no caso das maiorias compostas que minorias que não percebem ainda que juntas seriam a maioria”. De outra forma, porém na mesma perspectiva, Francisco (2015, p. 100) enfatiza que “renunciar a investir nas pessoas para se obter maior receita imediata é um péssimo negócio para a sociedade”. E investir em pessoas significa aliar a técnica à ética para que o poder da primeira seja limitado pelos princípios intrínsecos à segunda. Por esta aliança espera-se uma qualidade de vida, e para toda a forma de vida, baseada não apenas nas relações de consumo, mas nas relações solidárias de cooperação em favor de uma sustentabilidade integral.

### **3. O HISTORICAMENTE ESPERADO PROTAGONISMO DA EDUCAÇÃO**

O alerta para a necessidade de uma reconciliação histórica e o conhecimento relativamente aprofundado do comprometimento da integralidade do existir humano e planetário, por vezes ignorada, estabelece a necessidade de se fortalecer a formação desta e das futuras gerações. Daí uma expectativa eminente do protagonismo da educação num contexto de tamanha conturbação. Para além do protagonismo e como seu genitor maior, está o Estado, a quem cabe definir estrategicamente, políticas e ações relativas à educação. Acerca disto, em nível do Brasil, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 já assevera que

*... de todos os deveres que se incumbe ao Estado, o que exige maior capacidade de dedicação e justifica maior soma de sacrifícios; aquele com que não é possível transigir sem a perda irreparável de algumas gerações; aquele em cujo cumprimento os erros praticados se projetam mais longe nas suas consequências, agravando-se à medida que recuam no tempo; o dever mais*

*alto, mais penoso e mais grave é, decerto, o da educação que, dando ao povo a consciência de si mesmo e de seus destinos e a força para afirmar-se e realizá-los, entretém, cultiva e perpetua a identidade da consciência nacional, na sua comunhão íntima com a consciência humana (Azevedo et al, 2010, p. 65)*

A conclusão destes intelectuais fixa-se portanto, no entendimento de que a educação, como formadora de novas gerações é alicerce indispensável à construção de novas mentalidades. O cenário atual denuncia que, estabeleceu-se uma precarização da formação das massas para que a elite pudesse consolidar sua prática predatória.

Um desenvolvimento econômico previsto e sustentado segundo um modelo de formação como este, gera um universo de excluídos ou simplesmente não incluídos. Não sem razão Galeano (2013, p. 229-327) afirma que “o desenvolvimento é uma viagem com mais naufragos do que navegantes [...] o desenvolvimento é um banquete com escassos convidados”.

A ruptura deste sistema sectário de formação expõe a necessidade de uma educação pautada em valores democráticos, por isso resistentes em tempos de barbárie. Anísio Teixeira (1997, p. 82) pondera que

*a escola deve ensinar a todos a viver melhor, a ter a casa mais cuidada e mais higiênica; a dar às tarefas mais atenção, mais meticulosidade, mais esforço e maior eficiência; a manter padrões mais razoáveis de vida familiar e social; a promover o progresso individual, através os cuidados de higiene e os hábitos de leitura e estudo, indagação e crítica, meditação e conhecimento (Teixeira, 1997, p. 82).*

De certa forma é preciso fomentar o entendimento de que cabe a escola não apenas promover a discussão de conhecimentos (conteúdos e conceitos), mas relações e elementos de interação zelosa e respeitosa entre seres humanos. Os tempos atuais clamam por uma ampla reflexão para que se dê sequência à caminhada (viabilidade da vida na terra). Rachel Carson, ainda no início dos anos 1960 já afirmava que

*Nos encontramos ahora en una encrucijada, em la que divergen dos caminos [...] ambos no son igualmente bellos. El que hemos estado siguiendo desde hace tiempo es de una facilidad engañosa, una autopista llana por la que envazamos a gran velocidad, pero al final de la cual está el desastre. La otra bifurcación (el camino menos transitado) ofrece nuestra última, nuestra única oportunidad de alcanzar una meta que asegure la conservación de nuestra Tierra (Carson, 2010, p. 291-2).*

A tendência ao longo dos últimos séculos revela no presente, uma proximidade assustadora de um grande colapso. A encruzilhada ainda se apresenta como

desafio e grande incógnita e para alguns parece inexistente. Novamente é possível evocar o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova alertando o que se passava nos anos 1930. Azevedo, *et al* (2010, p. 16) afirma então que “o período em que a nossa evolução adquiriu um ritmo mais acelerado e em que, portanto, começaram a definir-se e a agravar-se os nossos problemas, em toda sua variedade e complexidade, coincidia assim com a fase mais aguda da crise dramática que atravessa a civilização”. O grande desafio posto à educação, neste sentido não é apenas o de buscar soluções para a descrita crise, mas é sensibilizar esta e as futuras gerações de sua existência.

O reconhecimento ora referenciado exige uma capacidade de percepção para além do imediatismo cômodo a que boa parte da humanidade se vê direcionada. A este respeito Carson (2010, p. 200) assevera que “estamos acostumbrados a buscar los efectos grane e inmediatos e ignorar todo lo demás. A menso que éstos aparezcan rapidamente y en forma tan obvia que no puedan ser ignorados, negamos la existência de los peligros”. A soma destas negações, absolutamente conveniente aos que se servem da prática predatória de existência, a sistemas de ensino fragmentados e fragmentadores financiados e controlados pelos ditos predadores revelam um caminho tortuoso e que não permite perceber a encruzilhada em que se acha a humanidade por várias décadas.

A superação deste modelo econômico predador e de sociedade sectária exige uma educação efetivamente emancipadora, por isso imprescindível. Anísio Teixeira sinaliza os motivos pelos quais uma nova educação torna-se imprescindível:

*porque as transformações são tão aceleradas que as instituições mais naturais de educação a família e a própria sociedade não têm elementos para servir à situação nova, tornando-se preciso que a escola amplie as suas responsabilidades, assumindo funções para as quais bastavam, em outros tempos, a família e a sociedade mesmas, (b) porque o novo critério social de democracia exige que todos se habilitem não somente para os deveres de sua tarefa econômica, como para participar da vida coletiva, em todos os sentidos, devendo cada homem ter possibilidades para vir a ser um cidadão com plenos direitos na sociedade, (c) porque a ciência, invadindo o domínio da educação, criou a necessidade de reconstrução dos velhos processos de ensino e de ajustamento de novos materiais de instrução, (d) porque uma concepção nova esclareceu que educação não é simplesmente preparação para a vida, mas a própria vida em permanente desenvolvimento, de sorte que a escola deve-se transformar em um lugar onde se vive e não apenas se prepara para viver (Teixeira, 1997, p.89).*

Esta é uma sequencia de características que confere a educação um elevado grau de profundidade quanto a sua razão e forma de ser. Acompanhar a celeridade da evolução da humanidade, participar ativamente dos processos decisórios, inovar na forma de relacionar conhecimento e gentes e converter a escola num espaço vivo são desafios que não se esgotaram e jamais se esgotarão, visto que a escola é o espaço que recebe continuamente sujeitos em formação.

Para esta nova educação (escola) é imprescindível que lhe seja oferecido um(a) novo(a) educador(a). Um sujeito que tenha assimilado também a resistência e tenha por ela um sentimento de pertencimento, através do qual se sinta diretamente responsável por tornar a educação (escola) um espaço de vida e vivências.

#### **4. A CAMINHADA SEGUE, OS PASSOS HAVERÃO DE SER OUTROS: EDUCAR PARA VIVER HUMANAS RELAÇÕES RUMO À UMA NOVA COSMOLOGIA**

O documento papal convoca à uma reflexão que se espera, seja capaz de situar a humanidade em sua caminhada e a desafie a traçar seus próximos passos de outra forma. A preocupação com a sustentabilidade e com a necessidade de instituir uma forma de vida humana menos predatória e mais solidária e respeitosa, já conta com décadas de sucessivos alertas. Para tanto é fundamental se prover as massas de uma educação de qualidade, emancipadora e libertadora.

Francisco (2015, p. 162-172) exalta a ideia de que “uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida” e assevera que “o cuidado da natureza faz parte dum estilo de vida que implica capacidade de viver juntos e de comunhão”. Portanto é preciso oferecer às crianças e adolescentes uma educação que as habilite a viver em comunhão entre si e com os demais seres vivos, sem que necessariamente ou exclusivamente as ponha em produção.

Brandão (2012, p. 69) ressalta este protagonismo educacional ao afirmar que “antes pelo contrário, trata-se de, em primeiro lugar, libertar a própria educação de seu pedagogismo utilitário que, ele sim, aprisiona a cada dia mais a própria escola entre momentos de um ensino centrado em uma progressiva árida funcionalidade”. Assim é fundamental que se perceba o universo (cosmos) noutra perspectiva, não mais de pertencimento, mas de partilha/dádiva. Partilha com quem vive (humano ou não) e dádiva com para as gerações que ainda virão. Com as contribuições de Edgar Morin e Paulo Freire oferece-se a possibilidade de refletir sobre a participação da educação nos passos que virão nesta caminhada.

##### **4.1. Edgar Morin: por um trajeto seguro de humanização despertando os sentidos mais fundamentais da existência**

Para Edgar Morin a busca pelos fundamentos da existência revela o elevado grau de complexidade (aprofundamento) necessário para o seu entendimento histórico e contextual. Sobre isso Morin (2015, p.193) considera que “um novo sistema de educação fundado na religação e, por isso, radicalmente diferente do atual, deveria substituí-lo. Esse sistema permitiria favorecer a capacidade da mente para pensar os problemas individuais e coletivos em sua complexidade”. Este novo sistema será também fundamental para que se possa compreender a integralidade dos processos de formação humana, quer seja no âmbito escolar ou em qualquer outra instância.

O pensar coletivo necessariamente está associado ao conceito de diversidade,

intra e interespecífica. Neste sentido Edgar Morin (2002a, p. 55) afirma que

*Cabe à educação do futuro cuidar para que a ideia de unidade da espécie humana não apague a ideia de diversidade e que a da sua diversidade não apague a da unidade. Há uma unidade humana. Há uma diversidade humana (...). É a unidade humana que traz em si os princípios de suas múltiplas diversidades. Compreender o humano é compreender sua unidade na diversidade, sua diversidade na unidade. É preciso conceber a unidade do múltiplo, a multiplicidade do uno. A educação deverá ilustrar este princípio de unidade/diversidade em todas as esferas (Morin, 2002a, p. 55).*

Num país como o Brasil, em que a diversidade humana e biológica é um dos maiores expoentes identitários da nação, educar para o reconhecimento desta diversidade é algo elementar. Porém converte-se num ato de profunda resistência em tempos em que o desprezo pela democracia inspira à agressões profundas à todos e todas que se sintam diferentes.

A partir disto é possível iniciar uma longa e sempre inconclusa caminhada em direção ao complexo universo do direito de cada existente existir. Nota-se que não se fala de ser humano, ou mesmo vivo. A expressão existente sugere o entendimento prévio de que tudo o que há, há para alguma finalidade. Mas atentando para os existentes vivos Morin (2002b, p. 438) assevera que “o ser que nasce não nasce a partir de nada. Emerge *ex autos* e *ex physis*; enquanto indivíduo sujeito, nasce *ex nihilo*. Não havia nada. Eu não era/não era nada. O ser que nasce não pediu para viver, mas logo que nasce, só pede para viver. Nenhum vivo quis viver; no entanto, todo vivo quer viver”. Assim qualquer atitude que ameace a vida se contrapõe deve ser sumariamente condenado, jamais legitimado, especialmente pela educação.

Acerca disto vale lembrar o que Morin (2002c, p 23) destaca ao afirmar que “A educação seria uma prática integradora em que a racionalidade fria e disjuntiva seria superada pela racionalidade crítica, aberta e dialógica. Uma racionalidade que conhece os limites da racionalização e reconhece o mistério que envolve afeto, amor e arrependimento”. Afeto, amor e arrependimento são os grandes atores intrínsecos que motivam e mobilizam os sujeitos a agir para a superação da realidade que se reconhece como inviável para os que ainda almejam uma possibilidade de futuro. São as verdadeiras armas que destroem a violência, o ódio e a arrogância que sustenta o modelo predatório em que estamos mergulhados.

Esta resistência exige uma escolha por uma nova forma de trilhar o caminho (vida) que passa pela unidade, mesmo contando com uma legítima diversidade. Neste sentido é preciso substituir uma educação que fragmenta e separa por um pensamento que seja capaz de distinguir, mas também unir. A caminhada, portanto, não será feita a sós. Os caminhantes poderão materializar seus passos em conformidade com suas possibilidades (diversidade) mas o caminho será apenas um (unidade). E este desafio impõe a existência efetiva de uma ética por vezes ignorada na história humana: a ética da compreensão.

Sobre esta modalidade ética Edgar Morin afirma

*A ética da compreensão é a arte de viver que nos demanda, em primeiro lugar, compreender de modo desinteressado; demanda grande esforço, pois não pode esperar nenhuma reciprocidade (...) A ética da compreensão pede que se compreenda a incompreensão. A ética da compreensão pede que se argumente, que se refute em vez de excomungar e anatemizar. A compreensão não desculpa nem acusa: pede que se evite a condenação peremptória, irremediável, como se nós mesmos nunca tivéssemos conhecido a fraqueza nem cometido erros. Se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho da humanização das relações humanas (Morin, 2002c, p. 99-100).*

Esta ética rompe com a tradicional lógica da resposta a perguntas como “para que”? no que se refere a um suposto retorno/recompensa. O desafio é fazer por que se compreende que é preciso agir não para si, mas para os outros, muitos desconhecidos e outros que sequer serão nossos contemporâneos. Compreender que é preciso deixar um espaço de existência, preferencialmente melhor do que encontramos, exige da educação muito mais que saberes técnicos, mas habilidades e valores como altruísmo, resistência e austeridade até então pouco comuns e que se apresentam contra a corrente que nos conduz por vias que não somos capazes de recusar nesta caminhada (vida).

#### **4.2. Paulo Freire: o ser humano como um ser de relação com os outros e com o mundo**

Paulo Freire é um dos grandes expoentes brasileiros no quesito, compreensão do contexto histórico e social do Brasil no século XX e na resistência mobilizadora para romper com a imobilidade política da massa. Para ele ninguém se forja como sujeito senão pelas relações estabelecidas com seus pares e com o mundo. Nestas relações o sujeito é apresentado às mazelas, carências e precariedades que por vezes lhe causam danos irreversíveis ao longo da vida. Conhece também virtudes, motivos para esperar e lutar, além dos prazeres mais singelos e íntimos. Ao descrever algo sobre sua infância Paulo Freire assim disserta

*Em Jaboatão perdi meu pai. Em Jaboatão experimentei o que é a fome e compreendi a fome dos demais. Em Jaboatão, criança ainda, converti-me em homem graças à dor e ao sofrimento que não me submergiam nas sombras da desesperação. Em Jaboatão joguei bola com os meninos do povo. Nadei no rio e tive “minha primeira iluminação”: um dia contemplei uma moça despida. Ela me olhou e se pôs a rir (...) Em Jaboatão, quando eu tinha dez anos, comecei a pensar que no mundo muitas coisas não andavam bem. Embora fosse criança comecei a perguntar-me o que poderia fazer para ajudar os homens (Freire, 1980, 14).*

Este fragmento autobiográfico revela sem maiores pudores, o quanto uma criança necessita do contato (relação) com a integralidade de seu entorno existente para ser o que é e resistir às imposições sobre o que não é. Experiências que transcendem a escola, no caso sequer a tocam. Sentimentos como luto, fome,

desespero, recreação, libido, indignação e mobilidade atingem a criança sem que houvesse dela ou de outrem qualquer controle ou seletividade. Assim é a aprendizagem integral, fundamental para a emancipação do sujeito, num mundo real existente tal qual ele é de fato.

Mas obviamente estas experiências por si, não seriam suficientes para formar efetivamente o sujeito em sua completude. Por isso Freire (1997, p. 64) enfatiza que “não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou a educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos insere no movimento permanente de procura que alicerça a esperança”. Novamente um grande desafio se apresenta à escola, a quem cabe atender e motivar a educabilidade de cada sujeito. Nenhuma inconclusão é igual a outra, visto que cada qual possui uma história única obedecendo o princípio da unidade na diversidade. Há biografias únicas construídas como tal e que assim deverão prosseguir pelas suas próximas páginas. A intervenção escolar não pode orientar-se por uma lógica padronizante e uniformizadora. Embora todos habitem uma Casa Comum, cada um ocupa diferentes cômodos de acordo com seus diferentes costumes, gostos, habilidades e possibilidades.

Esta educação só será possível se se estabelecer entre alunos e professores uma relação democrática de diálogo. Assim, Paulo Freire afirma que

*O diálogo entre professores ou professoras e alunos ou alunas não os torna iguais, mas marca a posição democrática entre eles ou elas (...) A diferença entre eles os faz ser como estão sendo. Se fossem iguais, um se converteria no outro. O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. O diálogo implica um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua (...). Não há diálogo no espontaneísmo como no todo-poderosismo do professor ou da professora. A relação dialógica, porém, não anula, como às vezes se pensa, a possibilidade do ato de ensinar. Pelo contrário, ela funda este ato, que se completa e se sela no outro, o de aprender (Freire, 1992, p. 118).*

Portanto, Paulo Freire não apresenta o diálogo como algo conciliador e do qual necessariamente após um confronto surja um vencedor. Ao contrário, sugere uma construção coletiva em que a preservação das identidades seja garantida. O impacto de um diálogo será sempre diverso em cada interlocutor e por isso produzirá efeitos diversos, garantindo que cada sujeito amplie sua diversidade e reconheça a identidade em si e no outro. Quando se vê a democracia ameaçada e por conseguinte a vida, sabe-se que resistir significa necessariamente construir um cenário de diálogo.

Por isso Freire (1997, p.154) enuncia que “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”. A inquietação associada a curiosidade é um ato de rebeldia diante do

que é tacitamente posto, uma vez que a postura inquieta alimenta fortemente a curiosidade e vice-versa.

Uma das razões de ser da educação emancipadora é a inscrição dos sujeitos na história, não como uma questão de atendimento à vaidades ou interesses individuais, mas como direito e dever de compor um protagonismo para além da simples contemplação. Com o diálogo, fundado em argumentos e valores como respeito e ética, o sujeito se apresenta ao mundo e anuncia seu potencial participativo naquele contexto. Sua atuação dependerá da qualidade desta apresentação, que será tanto maior quanto mais abrangente e complexa for sua qualidade de argumentos e valores.

Daí a importância estratégica e funcional de uma educação emancipatória para estabelecer relações que se sustentem e façam sentido. Num tempo em que o ser humano se vê autor e vítima de uma constante e sempre mais grave crise existencial que o conduz e ao planeta, a um verdadeiro processo de adoecimento é importante destacar o que doutrina Leonardo Boff

*nós somos a parte consciente e inteligente do universo e da Terra. Pelo fato de sermos portadores dessas capacidades, podemos enfrentar as crises, detectar o esgotamento de certos hábitos culturais (paradigmas) e inventar novas formas de sermos humanos, de produzirmos, consumirmos e convivermos. É a cosmologia da transformação, a expressão da nova era, a era ecozóica (Boff, 2016, p. 23).*

A enfermidade, que não é apenas física, mas de composições e formas tão amplas e diversas quanto o são os rostos humanos. Para compreender esta multiplicidade de mazelas e intervir para que sejam ao menos controladas, se não extirpadas, exige-se uma formação para a resistência e emancipação. Por isso é muito pertinente o alerta de Boff (1997, p. 115): "(...) Em nossa opinião o ser mais ameaçado não é a baleia ou o panda, mas o homem, o homem pobre, os milhões de seres humanos que morrem de desnutrição e de enfermidade. A mesma lógica que explora as classes pobres, as nações e os povos, ataca e explora a natureza". Neste sentido o combate à miséria econômica, implica num ostensivo combate à miséria ética, causa última da (de)predação ecológica, social e humanitária da Terra.

## CONCLUSÃO

O caos contemporâneo anuncia não exatamente o fim do mundo, mas o fim de um tipo de mundo. A crise civilizatória exige uma educação atenta à necessidade de formar pessoas para a convivência, compreendendo a Casa Comum, como cenário para um grande pacto de preservação e respeito à tudo o que vive e existe. Esta concepção é o que dará sentido à todo o processo de resistência e luta pelo democrático e ético direito de existir à nossa e às futuras gerações.

Resistir significa estabelecer uma consciência coletiva de que a vida na Terra é fruto de milhões de anos de evolução. Portanto assumir ciência de que somos

parte de um processo que não começou e não se findará em nós, parece ser o mais significativo protagonismo da educação. Por ele, assume-se consciência de resistência e também de existência.

Para tanto é preciso lançar-se à profundezas de nossa cultura, para compreender o sentido e o tudo o que sustenta o pensamento que vigora em nosso tempo. A educação capaz de fazer vigorar nova consciência é a que anule diferenças entre ricos e pobres, ocidentais e orientais, neoliberais e socialistas, por exemplo. Uma educação que denuncie e anuncie que todos e todas são igualmente humanos e humanas e as diferenças a serem celebradas são as que nos permite viver de acordo com nosso gosto de viver, sem ferir e violar o do outro. A resistência da e pela vida se dá é pois um desafio, mas também uma verdadeira provocação ética, em que cada sujeito é chamado a contribuir para que a Casa Comum, possa existir como tal.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Fernando de [et al.] **Manifestos dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores 1959**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).
- BOFF, Leonardo. **A Terra na palma da mão: uma nova visão do planeta e da humanidade**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2016.
- BOFF, Leonardo. **Memorias de un teólogo de la liberación**. Conversaciones con Christian Dutilleux. Madri: Spasa Calpe S.A, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O outro ao meu lado: algumas ideias de tempos remotos e atuais para pensar a partilha do saber e a educação de hoje**. In: MOLL, Jaqueline et al. **Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012. P. 46-71.
- CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. Tradución castellana: Joandomènec Ros. Barcelona: Crítica. 2010.
- FRANCISCO. **Carta encíclica *laudato si'* sobre o cuidado da casa comum**. 24. Mai.2015. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si\\_po.pdf](http://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf). Acesso: 17.jan.2017.
- GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução: Sergio Faraco. Porto Alegre (RS): L&PM, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização - teoria e prática da libertação: Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Col. Leitura).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- MORIN, Edgar. **A via para o futuro da humanidade**. Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução: Eloá Jacobina – 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MORIN, Edgar. **A Religação de Saberes**. O desafio do século XXI. Trad. Flávia Nascimento. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002a.
- MORIN, Edgar. **O Método 2: a vida da vida**. Trad. Marina Lobo. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2002b.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 6. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002c.
- TEIXEIRA, Anísio. (1997). **Educação para a democracia**. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ. (Original publicado em 1936).

**Nilton Bruno Tomelin** é Mestre em Educação e Licenciado em Biologia pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), graduado em Direito pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL); pesquisador do associado ao grupo EDUCÓGITANS do PPGE/FURB. Contato: nbt.prof@gmail.com.